

MARQUES, Carvalho. *Halodomira*. São Paulo: Skull, 2021.

**Sóis e liberdade:  
*Halodomira*, de Carvalho Marques**

Luciana Gonçalves Barros<sup>49</sup>

Maria Aracy Bonfim<sup>50</sup>

Publicado em 2021, pela editora Skull, *Halodomira*, do jovem escritor maranhense Carvalho Marques, transporta os leitores para uma cidade mítica, mergulhada em elementos poéticos e surreais. A narrativa descreve uma cidade extraordinária, onde ruas de ouro são percorridas por “touro centelhantes” e carruagens fantasmas que por ali correm. Esta cidade é personificada, tendo olhos de mãe, boca de piche e um ventre de residências, refletindo uma relação íntima e maternal com seus habitantes.

O espaço mescla-se à ideia sensual e carnal de amor por uma cidade mágica. Narrativa datada como finalizada em agosto do fatídico ano de 2020, em que viveu o planeta sob as prerrogativas nefastas da epidemia de Covid-19, o livro de Carvalho Marques é uma ode à ilha de São Luís do Maranhão, escrita sob *lockdown*. A partir de um ponto, ilhado, na ilha, o autor enxerga uma cidade-mulher e a ela declara inebriante paixão. É inegável a filiação do autor às leituras dos textos de Osman Lins, em especial *Avalovara* (1973), *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976) e *Nove, novena* (1966) em que colhe determinados aspectos muito peculiares da escrita mais tardia de Lins e abre destemidamente as possibilidades de sua própria escrita, funda seu texto e oferta alusões como chaves, desafiando o leitor.

O primeiro capítulo é abertamente dedicado a esta cidade, nomeada e humanizada, envolta em um halo de sensualidade e mistério: HALODOMIRA, que se oferece de modo genuíno e inteiro, deixando, no entanto, como que enigmas a desvendar. Já no segundo capítulo, a narrativa transita entre a admiração pela cidade e o retrato da vida de um escritor, destacando sua jornada desde a juventude até o auge da fama. O protagonista, que inicialmente se encanta pela escrita, aos poucos se desilude consigo

---

<sup>49</sup> Graduada em Letras - francês na UFMA. E-mail: lucianag.barros@hotmail.com.

<sup>50</sup> Professora no Departamento de Letras da UFMA. Líder do Grifo Estudos Literários. E-mail: maria.aracy@ufma.br.

mesmo e com o reconhecimento que obtém, questionando a qualidade de suas próprias obras e alimentando uma visão pessimista sobre seu sucesso.

O capítulo “Ode ao Sumiço de Emisha” oferece vislumbres de uma *Halodomira* distópica, dividida entre as áreas de Baixa e Alta, habitadas por seres humanos inférteis e robóticos. Essa cidade cosmopolita reflete um futuro sombrio, onde a humanidade enfrentou um apocalipse e lida com suas consequências, mergulhando na incerteza e na desolação.

Nessa distopia, os diálogos entre personagens e reflexões profundas sobre a condição humana permeiam a narrativa, abordando temas como amor, desilusão, livre arbítrio e busca por sentido na vida. A obra transita entre o real e o fantástico, oferecendo uma visão complexa e multifacetada da existência.

No entanto, a densidade da narrativa, repleta de simbolismos e imagens poéticas, pode dificultar a compreensão de sua essência. A sobreposição de diversas camadas de significado e a estrutura não linear desafiam a imersão do leitor na trama. O romance está seccionado em capítulos e subtópicos inseridos neles que deixam uma sensação de que poderiam ganhar mais profundidade em questões relativas à cidade e mesmo aos personagens.

Vale a pena fazer menção à similaridade de *Halodomira* com a cidade de São Luís, capital do Maranhão. Com referências abertas à cidade histórica, o romance exhibe fortes elementos da cultura ludovicense aquecendo os corações de quem é apaixonado pela ilha, a quem, inclusive, é dedicada a obra. Dentre essas referências encontra-se a lenda folclórica da serpente gigantesca que circunda São Luís, e que um dia, quando a cabeça encontrar o próprio rabo, a destruirá completamente. Esta lenda é uma das mais antigas e mais conhecidas, ganhando força a cada vez que lembrada em obras contemporâneas como a de Carvalho Marques.

Outros elementos citados e que são marcas indeléveis da personalidade cultural de São Luís são: o reggae, gênero musical que pode ser ouvido reverberando das casas dos ludovicenses e nas “radiolas” que se espalham em festas e chegam a constituir espaço de encontro e marca da cultura ludovicense. Aparece também a figura mística do Cazumbá, personagem folclórico do Bumba-Meu-Boi maranhense e que se encaixa no universo surrealista de *Halodomira* como mais uma marca de ode, homenagem à cidade e sua alma cultural tão intensa. O afeto pela cidade como berço, acolhimento não se

esconde no texto. Brinca com incidências onomásticas e intertextualidade: “Nasci numa ilha bela, numa ilha magnética, filho de duas árvores, sem saber se era cachorro ou peixe” (MARQUES, 2021, p.11).

Tais referências poderiam parecer sem nexo se pensadas com a mentalidade racional ou sem a devida bagagem referencial da cultura de São Luís. “Ilha magnética” por exemplo é um termo comumente utilizado para se referir à capital do Maranhão, advém da canção homônima de César Nascimento, e no romance de Carvalho Marques, a ideia de magnetismo confere ao leitor a sensação de que a cidade se liga ao seu autor de um modo avassalador. Não se podendo deixar de fora a ideia de que a fatura do romance se deu no momento de isolamento compulsório.

A linguagem metafórica diversas vezes se confunde com a realidade na diegese de *Halodomira*. Não há um “parecer com”, mas há um “ser isso e ser aquilo” ao mesmo tempo, como é o caso da Halodomira mulher e a Halodomira cidade: não há distinção. Do mesmo modo, um homem pode ser um bicho, um pássaro ou um peixe, como o próprio narrador diz: “Queria ter asas ou poder voar. Pombas e baleias voam, por que eu não?” (MARQUES, 2021, p 11). Compreende-se então que nesse romance não há limites impostos ao corpo humano, que pode através da sua imaginação se transmutar em animal, ou quem sabe, a palavra se transforme e ganhe um corpo de carne e osso.

Subvertem-se textos e referências: no texto de Carvalho encontramos, por exemplo, o “Palácio dos Grifos” onde situa-se o “Palácio dos Leões”, residência oficial do Governador do Estado; o Hino da capital maranhense “Louvação a São Luís” composto por Bandeira Tribuzzi, aparece em versão transgredida logo no início à guisa de epígrafe, com referência atribuída ao suporte Padre Andrade, em 1956.

Em suma, *Halodomira* é uma obra desafiadora, que mistura fantasia, realidade e profundas reflexões sobre a existência humana, em uma teia intrincada de simbolismos e metáforas ricas. Carvalho Marques proporciona ao leitor uma experiência única, convidando-o a explorar os limites da imaginação e da compreensão da complexidade da vida e da criação literária, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza cultural e folclórica da cidade de São Luís, enraizada nas entrelinhas dessa história.

## REFERÊNCIAS

MARQUES, Carvalho. *Halodomira*. São Paulo: Skull, 2021.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos: 1973.

NASCIMENTO, César. Ilha Magnética. Spotify (3:39 min), 1989.

TRIBUZZI, Bandeira. Louvação a São Luís. Online. Disponível em <https://saoluis.ma.gov.br/pagina/57/hino-e-brasao>

